



Director literario:

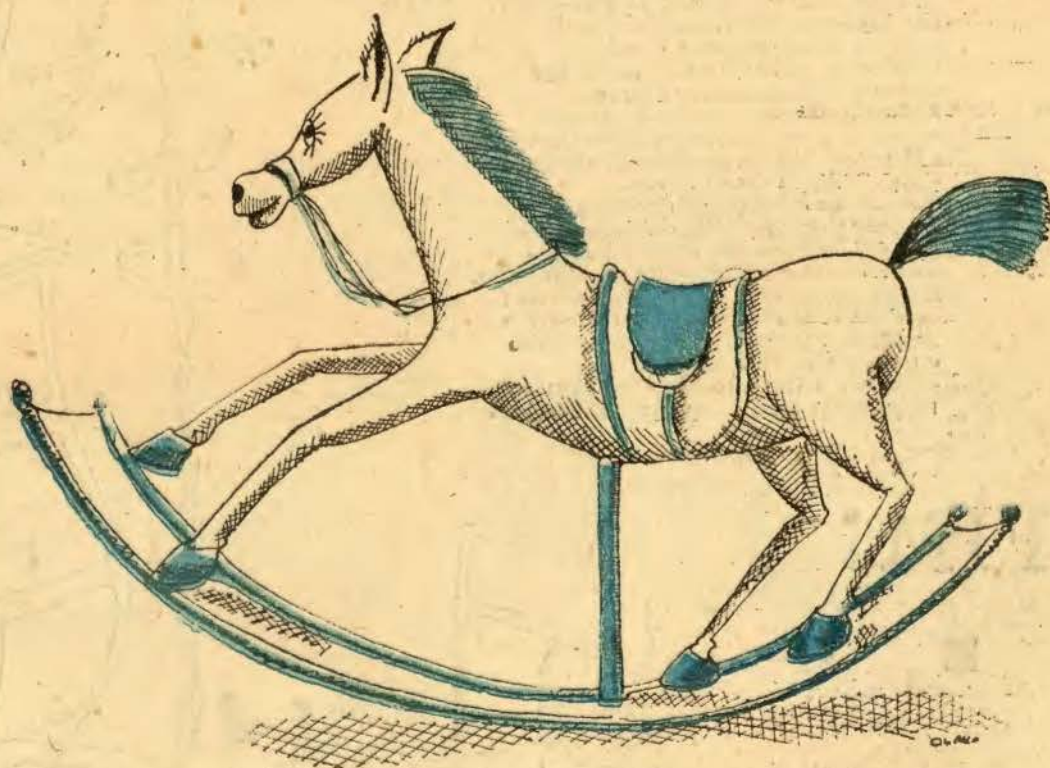
António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collares
PAPUSSE



A VINGANÇA DO CAVALINHO

Por M. CALVET DE MAGALHÃES

:: :: Desenhos de OLAVO :: ::

No dia dos anos, menino Antoninho
recebe um cavalo do rico padrinho.
Cavalo soberbo, de crina eriçada,
branquinho, com malhas de cor encarnada.
Menino Antoninho tem grande alvoroço
ao ver um cavalo, demais com balouço.
Monta logo nêle; e, aos berros, desata:
zás! zás! a bater-lhe com sua chibata.
Todo o santo dia, menino Antoninho
balouça, balouça, no seu cavalinho.
Nos dias seguintes, igual brincadeira
com gritos e berros—que é uma inferneira.

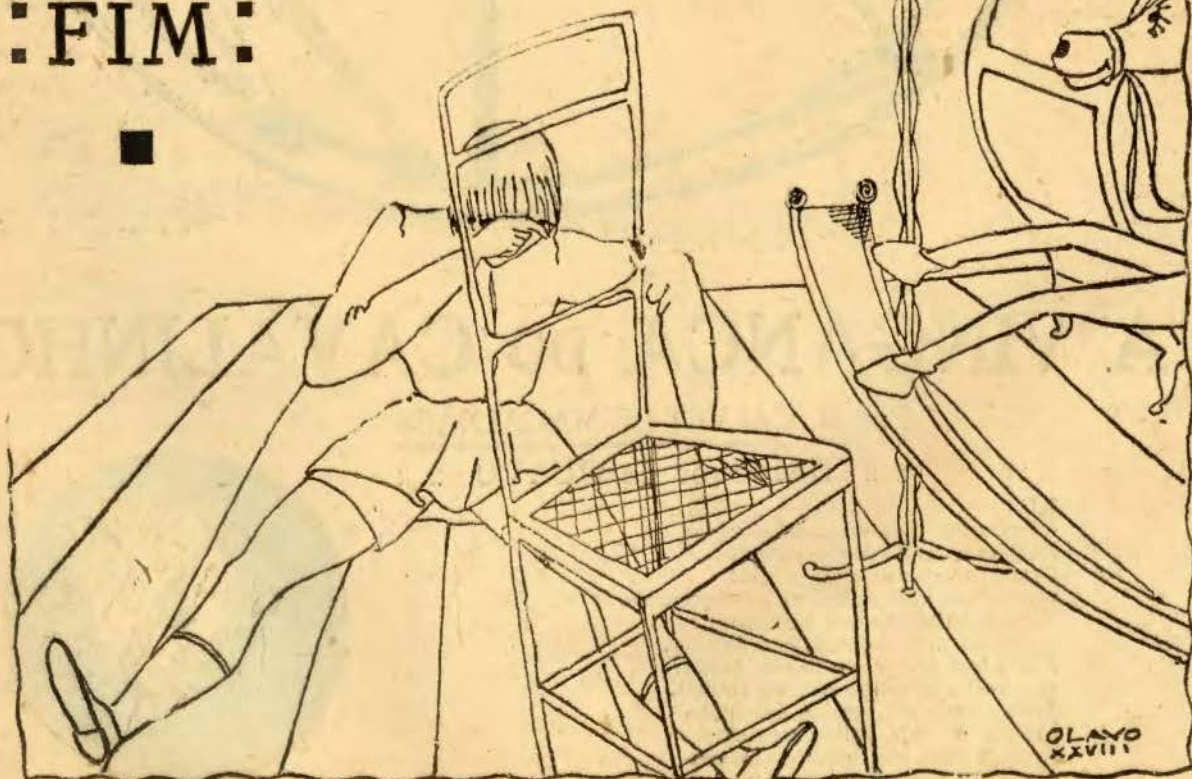


(Continuação da Vingança do Cavalinho)

Menino Antoninho balança, balança,
anda já furiosa toda a visinhança;
debalde se queixa por baixo o inquilino;
a mãe acha sempre gracinha ao menino.
De tanto galope na sala e no quarto
é o pobre cavalo quem anda mais farto.
Com seus botões fala: «Com tanto balouço,
dou cabo, por certo, do meu arcabouço!»
«Menino Antoninho, todos convirão,
que se eu sou cavalo, êle é cavalão,
«Desta lufa-lufa, dôr tenho no peito,
e os meus ricos bofes pela boca deito.»
«Se a mãe do menino tal fúria consente,
eu quero mostrar-lhes que o pau também sente.»
«Ah! deixam que abuse do pobre cavalo?!
pois fiquem sabendo que eu hei-de ensiná-lo!»

Menino Antoninho nem mesmo imagina
o que o cavalinho nos miolos rumina.
Chibata nas unhas, prossegue na dança,
balança, balança, balança, balança.
Mas vai senão quando, num dia fatal
decide o cavalo vingar-se afinal.
Estende os jarrêtes, e numa grande upa
abaixa a cabeça, levanta a garupa.
Menino Antoninho perde as estribeiras,
vai contra as vidraças que estavam fronteiras,
e fá-las em 'stilha, guinchando, chorando
e janela fóra lá vai rebolando.
O sol, lá de cima, mira-o de soslaio...
e berros tremendos solta o papagaio.
A gente de baixo, que estava a jantar,
tem susto co' a bulha que vai no outro andar.
E grita um pequeno com grande escarceu;
— «Papá estão chovendo meninos do ceu!»
Responde o pai logo, que é homem sizudo
e moralidades arranca de tudo:
«Aprende, menino, com esta façanha:
Ninguém faz asneiras, que pago não tenha!»

: FIM :



OS PINTOS MORTOS



e os leitões bebados

Por MANUEL RODRIGUES DE ALMEIDA — Desenhos de OLAVO

JOÃO Mandrião era um menino orfão de pai, que vivia com sua mãe—a tia Zefa—numa vila da Beira Baixa.

Todos lhe chamavam João Mandrião por êle não gostar de trabalhar, passando os dias deitado ao sol.

Em certo dia, a tia Zefa teve de ir à cidade e encarregou o filho de lhe cuidar dos animais. Antes de sair, disse-lhe:

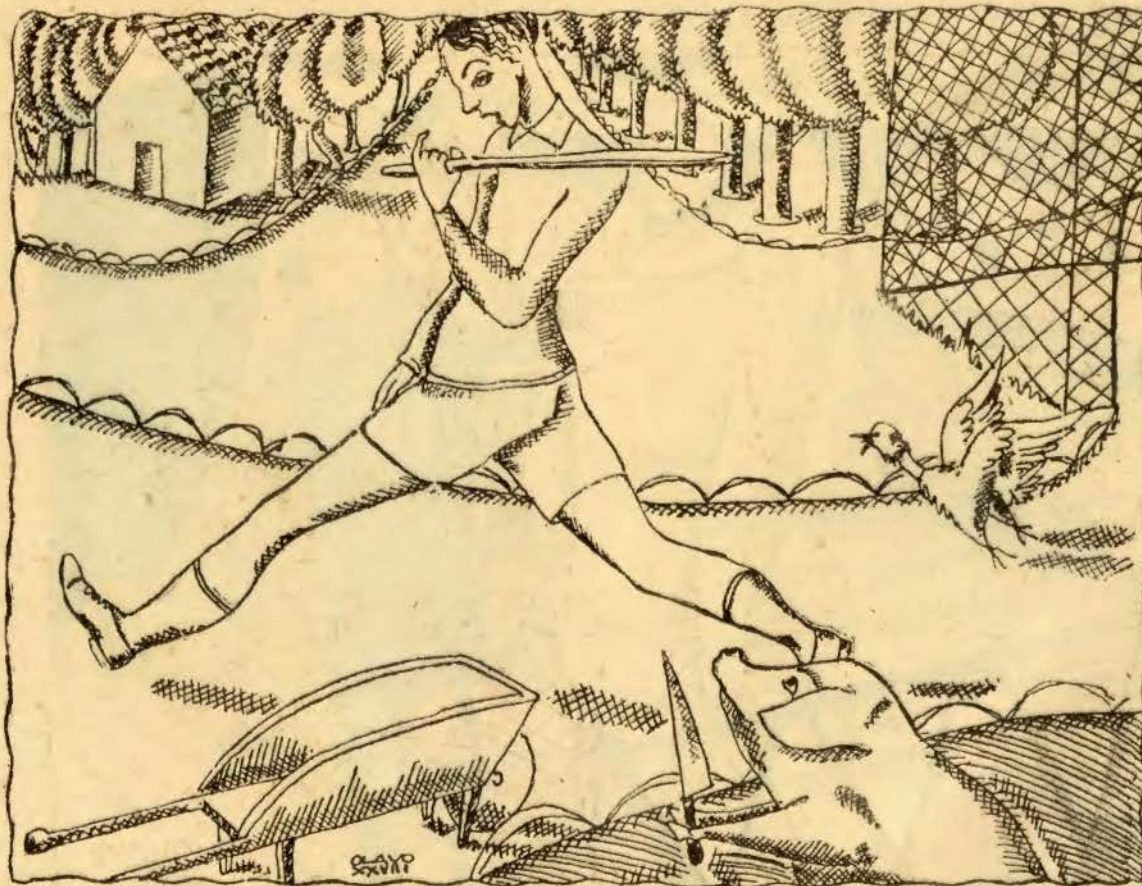
—Aquece o que está na panela, dá o que lá está aos leitões e vai ao pipo tirar uma

pinguinha de vinho. Faze, depois, umas sopinhas aos pintos.

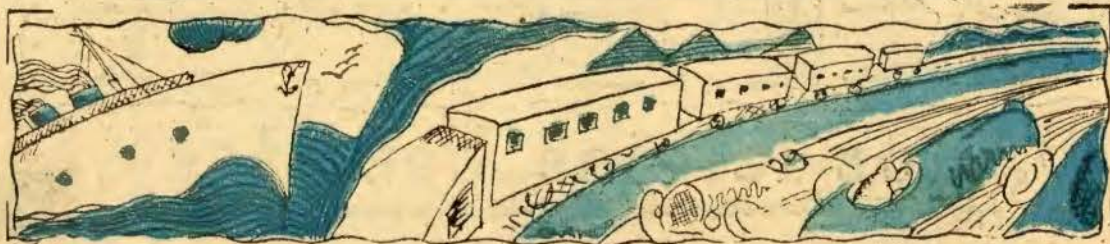
—Vá descansada minha mãe, que eu tudo isso farei, — disse êle, — deitando-se ao sol.

A mãe seguiu o seu caminho, julgando que o filho desempenhasse bem o seu cargo... mas enganou-se! O mandrião do filho não tardou a adormecer e, quando acor-

(Continúa na página 6)



DE MARÇANO A MILIONARIO



A VIDA DUM ROCKFELLER NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

— Desenhos de Olavo —

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

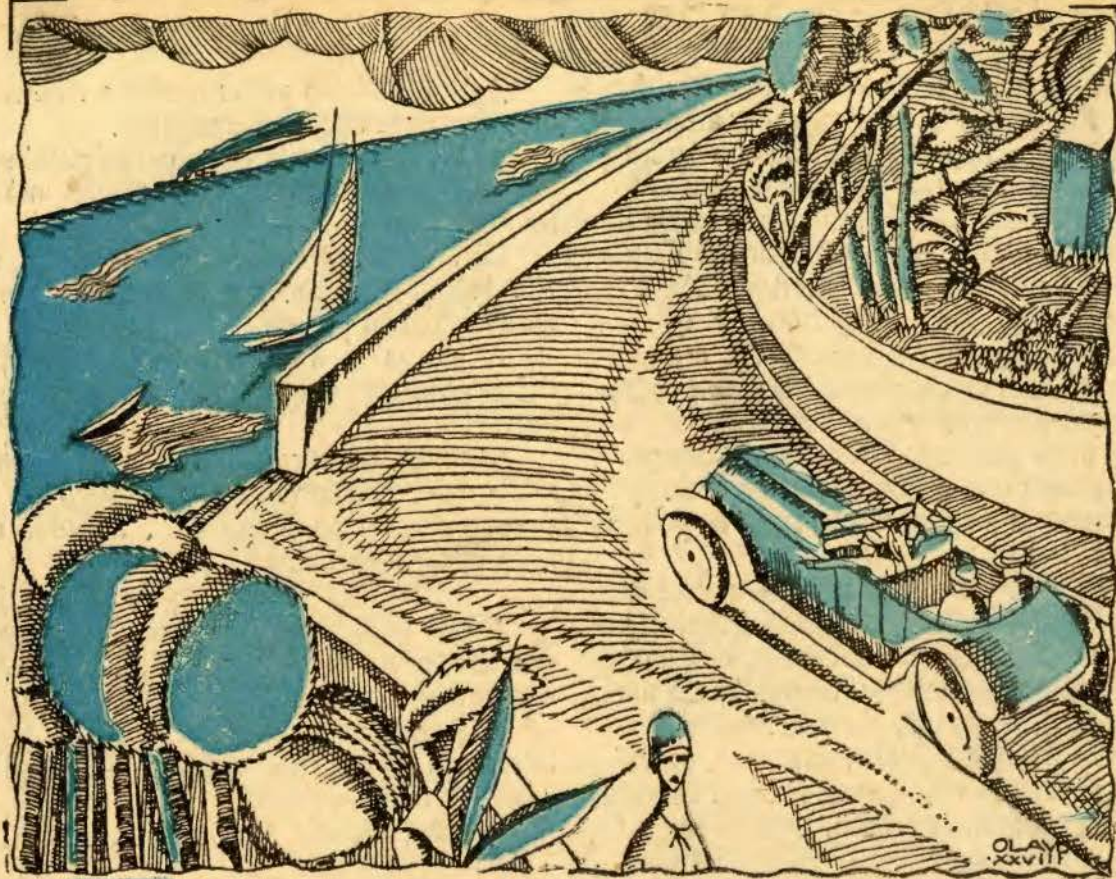
O dia seguinte ao da chegada a Lisboa, Roque deliberou tomar um novo modo de vida. Entrou numa alfaiataria, mandou fazer um fardamento, encomendou um «bonet» de pala, com um distico onde, a letras de ouro, mandou bordar a palavra: — INTERPRETE e, oito dias após, Roque, no Cais de Santa Apolónia, aguardava a chegada de turistas estrangeiros em visita a Portugal.

Aproveitando o conhecimento dos dois idiomas que aprendera em Paris e em Londres, fizera-se «cicerone».

Precisamente no dia em que Roque estreava o seu fardamento e aguardava a chegada de hóspedes estrangeiros, desembarcava em Santa Apolónia uma família constituída por «mister» William Bull, «mistress» Dolly e «miss» Mary —pai, mãe e filha— três americanos extremamente risonhos, de aspecto franco e simpático.



OLAVO
MCMXX
1921



«Mister» Bull, alto e espadado, loiro, de cara rapada, lunetas de aro de ouro, era um belo tipo de americano «yankee». «Mistress» Dolly era uma senhora idosa mas bem conservada, alta, angulosa e magra, naturalmente corada e de aparência saudável. «Miss» Mary era um raro exemplo de mocidade radiosa, de dezasseis anos apenas. Duma formosura invulgar, de olhos verdes e cabelo castanho, mas de um castanho doirado, atraía, mesmo sem querer, as atenções, pela desenvoltura da sua graça, pelas suas risadas cristalinas e, principalmente, pela vivacidade e brilho da sua bela expressão.

Mal avistaram Roque, chamaram-no, perguntando-lhe se falava inglês. E, quando supunha encontrar um «Intérprete» conhecedor, apenas, da língua francesa, por ser este idioma o mais divulgado, ficaram agradabilíssimamente surpreendidos, ouvindo-o responder, gentilmente, num inglês correctíssimo, uma frase que significava, simultaneamente, uma resposta e um galanteio: — «Como não havia eu de saber falar uma língua tão agradável como o aspecto do povo que a fala?!...»

Os três americanos lisongeados pediram, então, a Roque que ficasse oito dias ao serviço d'elles, a fim de lhes mostrar todas as belezas de Lisboa e seus arredores.

Imediatamente, subiram os quatro para um automóvel de praça e, dirigidos por Roque ao lado do «chauffeur», puzeram-se a caminho. De quando em quando, uma admirativa exclamação partia da boca dos visitantes, tão depressa deslumbrados pelo aspecto geral da nossa linda cidade, como pelo encanto dos nossos costumes e sugestivo pitoresco dos nossos jardins públicos.

Ao fim duma tarde inteira de giro pela capital, Roque fez parar o auto à porta do Avenida Palace-Hotel, esclarecendo os nossos hóspedes de que estavam em face do melhor hotel de Lisboa.

De tal maneira Roque, durante o giro de automóvel, se havia insinuado no espírito dos três simpáticos americanos, que estes o convidaram a jantar com elles! Nunca Roque se sentara a uma mesa com pessoas de categoria social, motivo por que não estava inteiramente à vontade. Mas porque era bastante inteligente e facilmente adaptável, conseguiu aparentar uma sem-cerimónia que inda mais o impuzeram à simpatia da família Bull.

Roque teve, então, conhecimento do principal objectivo da viagem de «mister» William a Portugal. Não se limitava a uma simples viagem de recreio.

«Mister» Bull era, em Boston, — cidade da América do Norte — um grande fabricante de automóveis cuja marca «Bull & Clarck» pretendia tornar conhecida em Portugal, como era já em Espanha, França, Itália e alguns outros países.

A' hora da sobremesa, «mister» William Bull sacou da algibeira uma série de catálogos da sua importante firma e mostrou a Roque, juntamente com alguns aspectos das suas grandes fábricas de Boston, a variedade de modelos de automóveis, camions e «voitures» da marca «Bull & Clarck». Roque, que estivera muito atento, escutando a exposição que o grande industrial «yankee» lhe ia fazendo, entusiasmado, dos seus magníficos modelos de tão elegantes linhas, objectou, em dado momento, fixando «William» com um olhar de inteligente curiosidade: — «porque não manda vir, imediatamente, «mister» Bull um carro da sua marca e se não inscreve nas próximas corridas de automóvel que se realisam, de hoje a um mês, em Marinha?!»

— «Magnífico alvitre!...»olveu «mister» William; «amanhã de manhã expedirei, para Boston, um telegrama nêsse sentido. E se conseguir ganhar o primeiro prémio, em recompensa de mister Roque ter tido tal idéa, fá-lo-hei representante exclusivo, em Portugal, da minha firma. Aceita?!»

Roque caiu das núvens. Estava longe de esperar semelhante oferta.

Entusiásticamente, William prosseguiu, entretanto: — «mister» Roque guiará o meu carro...»

— «Mas eu não sei guiar!» tartamudeou, confusamente, Roque, baixando os olhos, ante o olhar perscrutador de William.

— «Aprenderá num mês; — (objectou o espírito prático do grande industrial) — e, se conseguir vencer os outros concorrentes, terá depois todo o meu crédito e um cheque de cinco mil libras para instalação da Agência. Aceita, «mister» Roque?!»

(Continua na oitava página)

Os pintos mortos

(Continuado da página 3)

dou, era já muito tarde. Levantou-se, esbaforido. Foi imediatamente aquecer a comida dos leitões, e depois preparou um grande caldeirão de sopas de pão com vinho.

Aos leitõesinhos deitou o que havia de ser para os pintos, e, aos pintainhos deitou o que havia de ser para os leitões. Mas... Ó ceus!... O João Mandrião viu que os pintos tinham morrido escaldados e os leitões, com uma grande bebedeira, ora caíam para aqui, ora caíam para acolá!

No meio daquele espectáculo, João pensava na sova que a mãe lhe daria e arrepejava-se ao vêr os pintos mortos e os pobres leitões bebedos.

De súbito, viu que a galinha, a mãe dos pintos, se atirava a êle, picando-o tanto que o pobre rapaz desatou a chorar, enquanto a porca, mãe dos leitões, empunhando uma grande faca, se dirigia para êle.

Cheio de medo, João fugiu, mas, os malditos animais, perseguiram-no numa corrida de cem quilómetros à hora.

João Mandrião pulou muros e ribeiros e os animais sempre a persegui-lo.

Já muito longe de casa, parou quasi sem poder respirar. Encontrava-se num monte muito alto.

Lá em baixo, muito em baixo corria, um rio. João Mandrião, encontrava-se, agora, numa situação perigosa.

A porca e a galinha aproximavam-se dele, para se vingarem da morte dos filhos.

O rapaz, ao ver os inimigos já tão próximo dele, precipitou-se no espaço, e, ao cair ao rio, foi ao fundo e... acordou enxuto como uma palha!

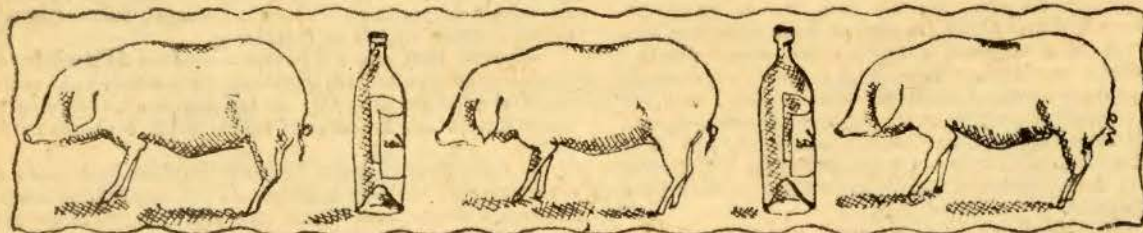
*

Afinal tudo tinha sido sonho, um sonho que lhe serviu de lição, pois desde êsse dia, nunca mais foi mandrião.

Trabalha, agora, numa oficina de sapateiro e já ganha, por semana, — não é lá qualquer coisa — 10\$00.

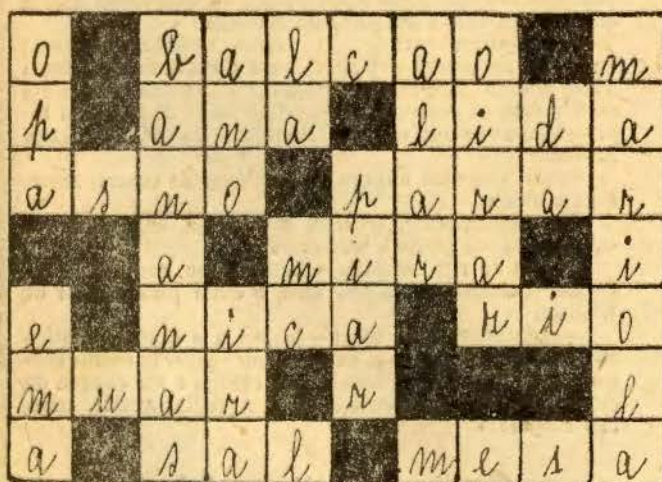
Pronto! Pronto! Acabou-se o conto!...

F I M



PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do numero anterior)



A NECDOTA

Numa padaria, entrou certa ocasião um saloio, que dirigindo-se ao caixeiro, disse:

— «Bomecê» faz o favor de me vender dois «pões»?

O caixeiro, sorrindo, emenda:

— Não é «pões» que se diz; é pães.

O saloio teima que é «pões» e não pães, e termina por dizer:

— «Pões» é que é, apesar de haver quem diga pães... A esse «respêto» ha muitas «opiniões»...

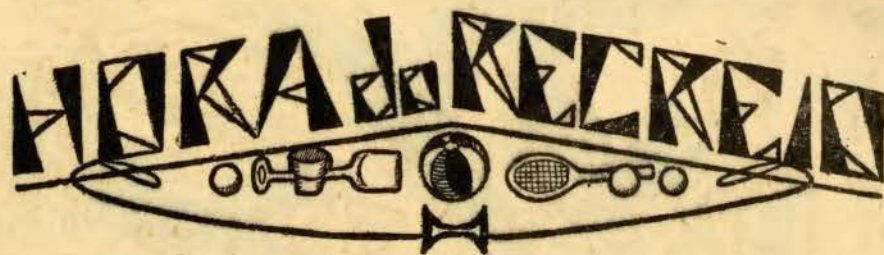
Correspondencia

Gaspar Peretto—Apreciei muitissimo o teu desenho, tirado do natural que, claro está, ainda não é uma obra-prima.

Continua e verás os progressos que fazes.

Fernando dos Santos Xavier—Sou de opinião da tua professora.

Será publicado.



Como se constroi um carro de Bébe

E' fácil construir-se, em cartolina, um interessante carro de bebê, observando-se o seguinte:

1.º Recorta-se em cartolina os modelos indicados nas figuras 1, 2, 3, 4, e 5. Os modelos 1, 4 e 5 são em duplicado.

2.º Recorta-se em papel-manteiga ou de cor os modelos das figuras 8 e 10. O modelo 10 é em duplicado.

3.º Com entre-nós de vime e pedaços de Oliveira sêca preparam-se os dois eixos, como se indica na figura 6, e com outros pedaços de vime o cabo dos varais (fig. 7).

4.º Quatro pequenos ataches e cola completam o resto do material.

COMO SE ARMA. — Com um canivete bem amolado fazem-se nos modelos, onde as linhas pontoadas o indica-

rem, pequenos recortes para facilitar o dobramento. A linha *a b* da fig. 1 devia ser pontoada e por conseguinte indico também um dobramento.

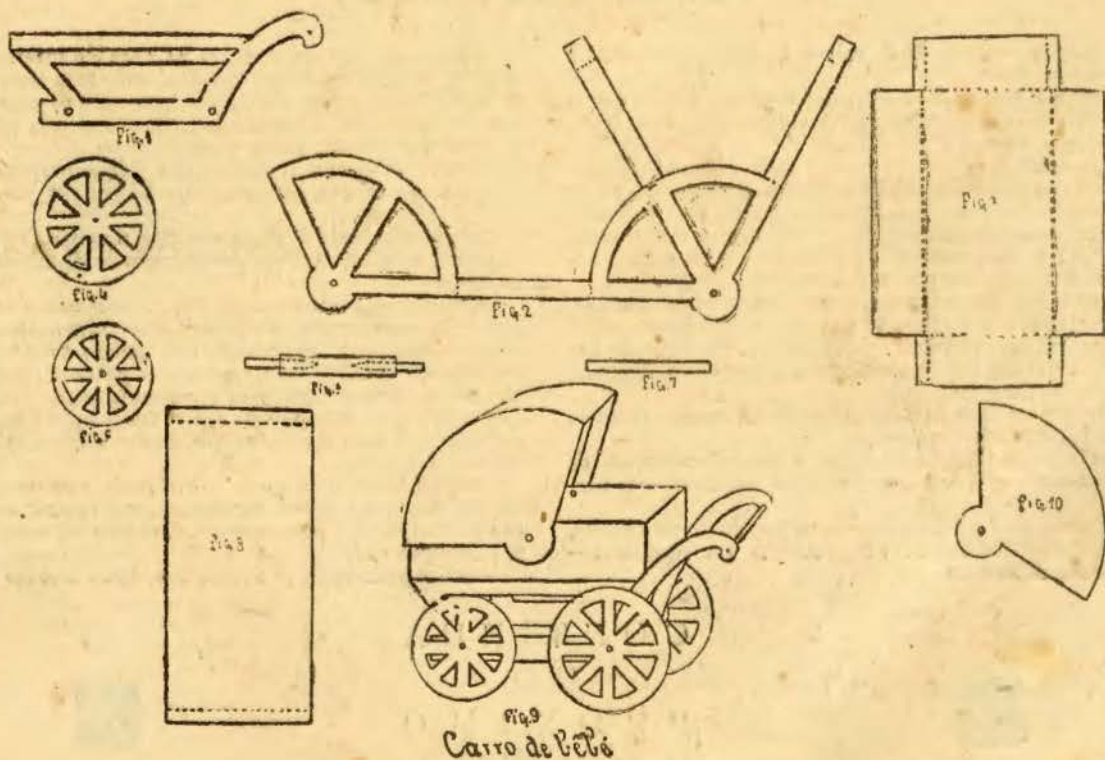
O modelo da fig. 8 é colado na parte superior do esqueleto (fig. 2) do toldo e os modelos indicados na fig. 10 lateralmente do mesmo esqueleto.

No resto procede-se como claramente a figura 9 indica. Torres Vedras 1-5-1928.

JOSE RODRIGUES DIAS

NOTA — Agradecemos ao sr. José Rodrigues Dias a sua valiosa colaboração que publicaremos sempre que nos fôr enviada.

PLANO DE CONSTRUÇÃO





DE MARÇANO A MILIONARIO

(NOVELA INFANTIL)

(Continuado da página 5)

—«Aceito, «mister» Bull, volveu Roque, suggestionado e atordoadamente.

—«Então, até amanhã— (rematou «mister» Bull, estendendo-lhe a mão)— mande aqui vir um «taxi» em sendo nove e meia. Iremos à Marinha.»

Na manhã seguinte, às nove e meia em ponto, Roque parava à porta do Avenida Palace, num automóvel de praça e, dez minutos depois, o automóvel partia em direcção à Marinha, transportando, além do «chauffeur» e de Roque, «miss» Mary, «mistress» Dolly e «mister» William Bull, belamente dispostos, em franca e descuidada alegria.

Num inglês correctíssimo, Roque ciceronando o passeio, ia historiando e indicando os nossos monumentos: —«Museu das Janelas Verdes... Jerónimos... Aquário do Dá-fundo... Palácio das Necessidades... Tapada da Ajuda... S. Julião da Barra...!»

«Miss» Mary Bull, deslumbrada pela diáfana luz do nosso clima, batia palmas, radiante.

Dez minutos mais decorridos, o automóvel entrava na Enseada-azul, o litoral que contorna os Estoril e Cascais.

«Mister» Bull, entusiasticamente, de quando em quando, exclamava: —«Beautiful! Very pretty!» que significa: —«Belo! Muito lindo!»

Após uma pequena paragem na Bôca do Inferno, o automóvel entrava, agora, na Marinha, onde uma série de pedreiros e carpinteiros, afadigados, preparam os grandes palanques destinados à lotação dos expectadores às próximas corridas que vistosos cartazes anunciavam já.

Porque se estava fazendo tarde, Roque propôs que almoçassem em Sintra, idéa que logo foi apoiada por «miss» Mary e seus pais.

Decorridos vinte e cinco minutos, o antigo Castelo dos Mouros e o Palácio da Pena distinguiam-se já, nitidamente, ao longe.

A vegetação ubérrima de Sintra, impregnava o ambiente duma frescura suavíssima e dum penetrante aroma. O automóvel, agora, ziguezagueava na vila. Súbito, num requebro da estrada, gracil vulto de aspecto adolescente, prendeu a atenção de Roque. Era uma rapariguinha loira, vestida elegantemente, de olhos muito azuis, duma beleza rara, conduzindo pela mão um pequenito, de dez ou doze anos, vestidinho à maruja.

—«Que linda portuguesa!» exclamou, em seu idioma, «miss» Mary, fixando-a, vivamente, sem reparar na comição de Roque que, franzindo um pouco as sobrancelhas, de si para si, exclamava:

—«Mas onde vi eu já aquela cara, Deus meu?!»

CONTINUA
NO
PRÓXIMO
NÚMERO